



8 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 11 de agosto de 2022

Bolsas	
Na quarta-feira	
1,46%	São Paulo
1,63%	Nova York

Pontuação B3	
Ibovespa nos últimos dias	
108.651	110.236
5/8	8/8 9/8 10/8

Salário mínimo
R\$ 1.212

Na quarta-feira
R\$ 5,085
(-0,87%)

Dólar	
Últimos	
4/agosto	5,167
5/agosto	5,220
8/agosto	5,113
10/agosto	5,129

Euro
Comercial, venda na quarta-feira
R\$ 5,239

Capital de giro
Na quarta-feira
6,76%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
13,66%

Inflação	
IPCA do IBGE (em %)	
Março/2022	1,62
Abril/2022	1,06
Maió/2022	0,47
Junho/2022	0,67
Julho/2022	-0,68

CONJUNTURA

Inflação e juros altos seguraram o varejo

Vendas do comércio varejista têm o segundo mês consecutivo de queda e recuam 1,4% em junho, segundo o IBGE

» FERNANDA STRICKLAND

As vendas no comércio varejista no país recuaram 1,4% na passagem de maio para junho, no pior resultado em seis meses. Foi a segunda variação negativa consecutiva do setor, que, em maio, já havia mostrado retração de 0,4%. Os dados são da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada, ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O levantamento de junho traz a maior variação negativa para o comércio desde dezembro do ano passado, quando a queda foi de 2,9%. No primeiro semestre do ano, ainda há uma alta acumulada de 1,4% frente ao mesmo período de 2021. No acumulado em 12 meses, porém, o resultado, que era negativo em 0,4% até maio, aprofundou a queda para 0,9%. queda consecutiva de dois meses não acontecia desde agosto de 2017.

De acordo com o gerente da pesquisa, Cristiano Santos, o desempenho das vendas foi impactado negativamente pela inflação e pelo crédito mais restrito e mais caro, em função da elevação das taxas de juros. “A (pressão da) inflação foi mais forte nas empresas do comércio varejista em junho do que em maio”, disse Santos. “A inflação estava bastante pronunciada para algumas atividades, como combustíveis e lubrificantes e supermercados”, explicou.

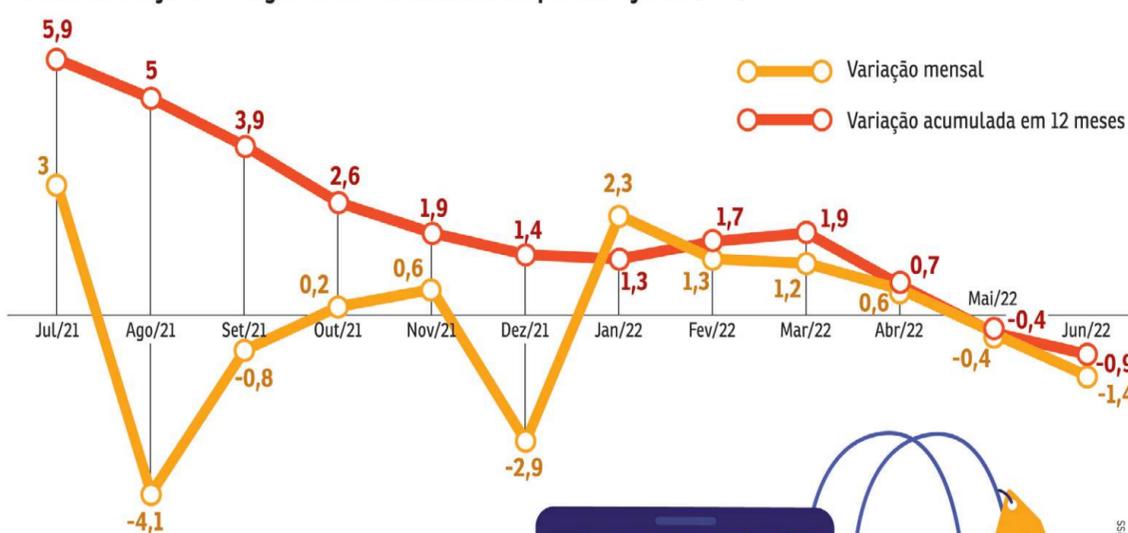
Segundo ele, elementos que puxaram o crescimento das vendas do varejo nos primeiros quatro meses do ano, como o crescimento da população ocupada no mercado de trabalho e a liberação de recursos extras pelo governo (como saques extraordinários do FGTS e antecipação de 13º salário a beneficiários do INSS), não foram suficientes para sustentar um aumento no consumo de bens pelas famílias também em maio e junho.

“A renda extra liberada pelo governo ajudou o crescimento do varejo até abril”, avaliou Santos. “Parte dos recursos foi usada para a redução do endividamento e pagamento de dívidas”, completou.

De acordo com os dados da PMC, a retração na comparação com maio foi disseminada por

Tombo

Vendas do varejo têm o segundo mês consecutivo de queda em junho (Em %)



Desempenho por segmento em junho (Em %)



Fonte: IBGE



Arte de Valdo Virgo

Indústria otimista

» RAFAELA GONÇALVES

Em contraste com o desempenho fraco das vendas do comércio em junho, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei) avançou neste mês, atingindo a marca de 59,8 pontos. Segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), esse é o maior nível do indicador desde agosto do ano passado, quando chegou a 63,2 pontos. De acordo com a entidade, a alta é reflexo da melhora da percepção e das expectativas do empresariado em relação à economia brasileira.

Como um indicador antecedente do desempenho industrial, o Icei sinaliza as mudanças de tendência da produção. De acordo com a pesquisa, a indústria segue confiante, uma vez que o índice permanece acima da linha divisória dos 50 pontos, que separa confiança de falta de confiança. Os índices variam de 0 a 100 pontos. Foram ouvidas 1.542 empresas, das quais 599 de pequeno porte, 582 de médio porte e 361 de grande porte, entre 1º e 8 de agosto.

“Os fatores que mais influenciaram esta alta da confiança do empresário industrial em agosto foram a recuperação econômica consistente dos últimos meses e a desoneração de itens que afetam a produção, como é o caso dos combustíveis e da energia”, afirmou a economista da CNI Larissa Nocko, que destacou que a melhora no mês é especialmente notável nas condições atuais da economia do país.

O Índice de Condições Atuais, um dos indicadores que compõem o Icei, registrou alta de 3,1 pontos em relação a julho, alcançando 54,2 pontos. Outro componente do indicador, o Índice de Expectativas também teve alta de 1,5 ponto, alcançando 62,6 pontos. O aumento demonstra otimismo ainda mais forte e disseminado da indústria para os próximos seis meses.

“Bondades”

Segundo o economista Newton Marques, o otimismo no momento se deve principalmente às medidas eleitorais do governo, como a PEC das Bondades e a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para alguns produtos. Ele avalia que ainda há uma possibilidade de melhora gradual, conforme forem divulgados os dados de produção, venda e outros indicadores importantes da atividade econômica.

“Esperamos que esse índice evolua favoravelmente ao longo deste ano caso essas medidas tenham o efeito esperado, que é melhorar o consumo e permitir que as pessoas com renda mais baixa possam consumir e a indústria, com isso, consiga gerar mais emprego e renda”, disse Marques.

sete das oito atividades investigadas pela pesquisa. Duas delas tiveram maior influência sobre o índice geral do varejo: tecidos, vestuário e calçados, com queda de 5,4%, e hiper e supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, segmento que recuou 0,5% no período.

No indicador de desempenho do comércio varejista ampliado, que inclui veículos, motos, partes e peças e material de construção, o volume de vendas em junho caiu 2,3% ante maio, com destaque para

a queda de 4,1% em veículos, motos, partes e peças.

Para o economista Hugo Passos, apesar do resultado negativo no mês de junho, o setor varejista ainda está com desempenho positivo. “O resultado acabou sendo impactado pelo aumento das taxas de juros, agora em torno de 13,5%, para controlar a inflação”, disse. “Com a taxa de juros mais alta, o crédito fica mais caro. Então, as pessoas deixam de consumir. No entanto, quando você olha o acumulado em um semestre o resultado

ainda é positivo e quando você olha para o período pré-pandemia, está um pouco acima.”

Conforme os números da pesquisa, o volume de vendas do varejo chegou a junho em patamar 1,6% acima do nível de fevereiro de 2020, no pré-pandemia. No varejo ampliado, as vendas operam 3% abaixo do pré-pandemia. Apenas os segmentos de artigos farmacêuticos (24,5%), material de construção (5,2%) e supermercados (2,3%) estão operando acima do patamar pré- crise sanitária.



Com a taxa de juros mais alta, o crédito fica mais caro. Então, as pessoas deixam de consumir”

Hugo Passos, economista

No DF, queda acima da média

» ROSANA HESSEL

Após divulgar queda de 0,4% na produção industrial em junho, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou recuo de 1,4% no volume de vendas do comércio nacional, o que põe em xeque as afirmações do ministro da Economia, Paulo Guedes, de que a economia brasileira está decolando. Para piorar, os dados mostram que a situação de Brasília é pior do que a média do país.

De acordo com o órgão ligado ao Ministério da Economia, o volume de vendas do comércio

varejista no Distrito Federal — onde a renda per capita é uma das maiores do país — também sucumbiu à crise provocada pela inflação global e registrou queda de 2,2% em junho, ma comparação com maio. O dado negativo nacional, de 1,4%, foi pior que as estimativas do mercado, que previa recuo de 1%.

“O resultado de junho traz a maior variação negativa para o comércio desde dezembro do ano passado, quando a queda foi de 4,8%. O varejo no Distrito Federal ainda se encontra 10,3% abaixo do patamar de fevereiro

de 2020, ou seja, de antes da pandemia”, destacou a nota do IBGE com base nos dados da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada ontem.

Na série sem ajuste sazonal, frente a junho de 2021, o volume de vendas do varejo caiu 1,2% na capital federal, interrompendo uma sequência de quatro altas consecutivas. No primeiro semestre do ano, há uma alta acumulada de 2,9% frente ao mesmo período de 2021, e, nos últimos 12 meses, perda de 3,1% na comparação com os 12 meses imediatamente anteriores.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Shopping de Brasília: retração no comércio chegou a 2,2% em junho